

“EU QUERIA QUE DEUS OUVISSE A MINHA VOZ”: A REIVINDICAÇÃO PROFÉTICA DA PERIFERIA

Luis Fernando de Carvalho Sousa²⁰

Willian José de Lima²¹

RESUMO

O presente artigo visa tratar do rap (em especial a letra **Mágico de Oz** do grupo Racionais Mc's) como expressão profética da periferia. Para tanto busca fazer uma incursão de viés histórico-sociológica entendendo a gênese da construção do espaço periférico brasileiro *pari passu* com a situação do povo de Israel no Antigo Testamento. Por se tratarem de realidades semelhantes as expressões advindas desses contextos possuem a mesma tônica. Sendo assim, tanto os lamentos proféticos como as letras do rap se perfazem como elementos críticos, que podem ser expressos e sistematizados por meio da Teologia negra.

Palavras-chave: periferia, profética, Teologia negra, rap, Mágico de Oz.

ABSTRACT

This article aims to deal with rap (in particular the lyrics **Mágico de Oz** by the group Racionais Mc's) as a prophetic expression of the periphery. Therefore, it seeks to make a historical-sociological incursion, understanding the genesis of the construction of the Brazilian *pari passu* space *pari passu* with the situation of the people of Israel in the Old Testament. Because they are similar realities, the expressions arising from these contexts have the same tone. Thus, both prophetic laments and rap lyrics are critical elements that can be expressed and systematized through black Theology.

Key-words: periphery, prophetic, black Theology, rap, Wizard of Oz.

INTRODUÇÃO

Por meio da convergência de textos e temas afins, buscamos destacar as principais clivagens entre teologia, negra, periferia e rap. É possível expressar essas categorias por meio de uma proposta teológica? Nosso artigo busca responder a essa e outras perguntas,

20 Bacharel em teologia (UMESP) e mestre em filosofia (UNIOESTE). Professor na Faculdade Latino-americana (FLAM). E-mail: luisffilo@hotmail.com

21 Bacharel em teologia pela Faculdade Latino-americana (FLAM). E-mail: willjlma@gmail.com

pois uma das formas de articular teologia e rap é conceber ambos por meio do prisma profético de denúncia, que é caracterizado por teologias presentes no Antigo Testamento e em expressões teológicas como a Teologia Negra preconizada por James Cone.

Nossa empreitada enfrenta o desafio de versar sobre assuntos tão plurais e aparentemente diversos por meio de eixos comuns, pois em síntese fazem parte de um mesmo campo e inserem-se em culturas pares (das minorias). Teologia, rap e periferia. Elementos presentes em várias localidades brasileiras e quase nunca abordados de forma ampla.

Sendo assim, o artigo busca tratar em quatro partes do tema da periferia, profetismo e rap. Na primeira parte a proposta é tratar dos problemas inerentes à periferia, sob um ponto de vista sociológico e suas implicações às populações negras. Quais agravantes o descaso com as populações negras trazem?

Nosso segundo momento se dedica a entender a relação entre teologias proféticas e os negros. O referencial teológico negro representa a população negra?

Na penúltima parte trataremos do rap como expressão periférica e profética e por fim investigaremos a possibilidade da música **Mágico de Oz** do grupo Racionais Mc's representar o clamor do povo negro, pobre e periférico na busca por soluções de seus dilemas, delineando-se como expressão teológica.

OS PROBLEMAS DA PERIFERIA

Ao longo da sua história, o Brasil apresenta problemas no que tange a periferia. Principalmente após a abolição da escravatura, as periferias cresceram desiguais em relação às localidades das demais classes (média e alta) causando profundas discrepâncias na sociedade brasileira.

Os negros libertos foram deixados à “sua própria sorte”; sem apoio do Estado e condenados a viverem em situações precárias longe dos grandes centros urbanos, formando comunidades habitacionais sem as estruturas básicas como: saúde, educação, lazer, formação profissional dentre tantas coisas. Como as poucas oportunidades para trabalhar se faziam por meio de serviços braçais, ex-escravos foram postos como “tração muscular” para atividades que não eram proeminentes nas classes sociais altas. Isso foi fomentando uma cultura de que negros (e pobres em sua maioria) não tinham vocação para a mão-de-obra qualificada e por isso deveriam contentar-se com a escala social mais baixa.

A partir do final do século XIX vemos mudanças ocorrerem na estrutura da sociedade brasileira: tais como a abolição da escravidão, proclamação da República, insipiente industrialização, inserção (ainda que lenta) no sistema capitalista mundial. Já nos primeiros anos do século XX e, sobretudo, depois dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial,

o impacto econômico causou mudanças no contexto das classes sociais brasileiras com a industrialização de forma mais intensa e sistemática.

A problematização deste fato é abordada pelo sociólogo Jessé Souza em “A Elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro” em que distingue as classes sociais. Para Souza (2019) há distinção das classes. Se por um lado as classes sociais baixas foram formadas pelos ex-escravos e seus descendentes o qual denomina-os de “a ralé dos novos escravos”, por outro lado a elite “[...] são adaptadas ao novo contexto competitivo, mas reproduzem padrões que, substancialmente, são uma continuação do passado” (SOUZA, 2019, p.116).

A desigualdade se tornou a marca do Brasil republicano. Passando pela era do Café com Leite²², Estado Novo²³, ditadura militar²⁴ até os dias atuais. A elite brasileira esteve presente cuidando para manter seus privilégios enquanto as classes populares continuavam com o ônus histórico colonialista. Por isso Souza compreende que por causa deste apartheid²⁵ de classes

[...] passa a existir um mercado de produtos restritos para a classe do privilégio e outro mercado, pior e mais precário, para as classes populares. Além disso, todos os serviços, inclusive os do Estado, passam a institucionalizar e separar a escola de classe média da escola dos pobres, hospital da classe média e hospital para pobres, bairros de classe média e bairros para pobres, e assim por diante (SOUZA, 2019, p. 152).

A assertiva de Souza se faz compreensível, principalmente, quando olhamos a estrutura metropolitana da cidade de São Paulo. Como exemplo podemos citar parte da elite paulistana que vive no bairro de Moema, onde o IDH²⁶ é o mais alto da cidade enquanto

22 A política do Café com Leite foi o termo utilizado para descrever o período de alternância de poder entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais entre os anos de 1890 e 1930. Neste período São Paulo era o maior produtor de café do país enquanto Minas Gerais era de leite.

23 O Estado Novo representa o período de ascensão e governo populista de Getúlio Vargas, que tinha alcunha de pai dos pobres, o qual iniciou entre 1937 e findou em 1945. Neste período, apesar de promulgar leis que contribuíram para legislação das leis trabalhistas, Vargas promoveu repressão política, censura e fechamento do congresso.

24 A ditadura militar foi um período autoritário que ocorreu entre 1964 até 1985 quando ocorreu a reabertura política e o processo eleitoral direta para presidente. Neste período foi baixado diversos atos institucionais, violência política e censura à imprensa.

25 O termo apartheid utilizado neste texto tem o mesmo sentido do sistema de segregação racial promovido na África do Sul entre 1948 e 1994. Entretanto Souza procura relacionar uma segregação racial promovida não escancaradamente, mas de forma passiva e silenciosa.

26 O Índice de Desenvolvimento Humano é utilizado para medir e avaliar o desenvolvimento humano no país. No caso, bairros em São Paulo foram medidos em 2016 e apresentados pelo Jornal Estado de São Paulo. Informações disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,idh-os-20-melhores-e-os-20-piores-distritos-de-sao-paulo,24925>>. Acessado em: 19 de ago. 2023.

as classes populares sofrem com educação precária e serviços de saúde debilitados em bairros como Cidade Tiradentes, extremo leste do município.

O apartheid social legitimado pelo Estado não ocorre com leis específicas como na África no Sul ou como as Leis Jim Crow²⁷ nos Estados Unidos, mas age silenciosamente com o descaso a população que se formou nas comunidades que surgiram no pós-abolição.

Pobres e negros vivem nas periferias abandonados pelo Estado e reencontrados a cada dois anos nas campanhas eleitorais (municipais e federais/estaduais). Muitos políticos promovem campanhas nos bairros mais afastados prometendo mudanças, que são propositadamente esquecidas quando os candidatos são eleitos. Com tanta disparidade podem ocorrer igualdade e democracia racial? Silvio Almeida, jurista e especialista em questões raciais aponta para estruturas desiguais do capitalismo, que legitimam a exclusão e discriminação de algumas classes, pois:

[...] a desigualdade racial é um elemento constitutivo das relações mercantis e de classe, de tal sorte que a modernização da economia e até seu desenvolvimento pode apresentar momentos de adaptação dos parâmetros raciais às novas etapas da acumulação capitalista. Em suma: para se renovar o capitalismo precisa muitas vezes renovar o racismo, como, por exemplo, substituir o racismo oficial e a segregação legalizada pela indiferença diante da igualdade racial sobre o mando da democracia (ALMEIDA, 2021, p. 28).

A elite brasileira para garantir seus privilégios precisa, de alguma forma, renovar o capitalismo em conjunto com o racismo, impondo às camadas mais pobres a indiferença. Neste caso, o pobre negro da Cidade Tiradentes, por mais que tente, irá lutar em condições desiguais para sobreviver em “uma selva de pedra” como São Paulo em comparação a um homem branco que mora no bairro de Moema.

As periferias no Brasil, pela inércia do Estado (em conluio com as elites), tornam-se os “Bantustões”²⁸ brasileiros não oficializados legalmente, mas socialmente, sim, pois há aceitação por grande parte da população. Contudo, há um esforço por parte de grupos políticos e de resistência que procuram diminuir a desigualdade social nas periferias, haja visto os programas de ações afirmativas que proporcionam oportunidades de disputar determinados processos com equidade de vagas em faculdades públicas, além de projetos

27 A Lei Jim Crow, criada no final do século XIX, impôs segregação racial nos EUA, separando instalações para negros e brancos. Foi anulada em 1965 pela Lei dos Direitos Civis, assinada por Lyndon B. Johnson, que encerrou a segregação e promoveu a igualdade.

28 Bantustões ou *homeland* são nomes dados para as regiões designadas pelo governo sul-africano aos grupos étnicos negros para viverem separados dos brancos.

de cultura e apoio às pessoas de camada popular como o EDUCAFRO²⁹. Entretanto, ainda há uma longa jornada para conquistar a igualdade de oportunidade e dignidade humana, nas periferias do Brasil principalmente contra a violência de facções e de policiais aos inocentes da comunidade.

No mesmo sentido a violência policial não pode ser esquecida como, por exemplo o ocorrido na favela Naval, no município de Diadema em março de 1997, em que um grupo de policiais fazendo ronda para averiguação de drogas, espancou suspeitos com truculência e abuso de autoridade na periferia causando até morte de um inocente. Este inocente, Mario José Josino, homem negro de 29 anos, não tinha passagem policial e foi alvejado pela polícia quando ia embora da blitz na qual sido abordado.

A polícia que deveria proteger, estava eliminando o problema “preto” (SOUZA, 2019). Como não citar o caso da deputada Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes³⁰ que ainda não foi resolvido pelo Estado? O esquecimento seria proposital? Político? Omissivo? Para responder estas perguntas Souza desvela de forma eficaz o poder do Estado através do “uso sistemático da polícia como forma de intimidação, repressão e humilhação dos setores mais pobres da população” (SOUZA, 2019, p. 83). Portanto:

[...] matar preto e pobre não é crime já desde essa época. As atuais políticas públicas informais de matar pobres e pretos indiscriminadamente praticadas por todas as polícias do Brasil, por conta do aval implícito ou explícito das classes médias e altas, têm aqui seu começo. As chacinas comemoradas por amplos setores sociais de modo explícito, em presídios de pretos e brancos pobres e sem chance de se defender, comprovam a continuidade desse tipo de preconceito covarde (SOUZA, 2019, p. 83).

As classes médias, influenciadas pelas classes altas, aplaudem com alegria e vigor as ações policiais que matam (pobres, pretos, periféricos com estereótipo de marginais) sem ao menos compreender se as vítimas são inocentes. Por meio de aparatos midiáticos são estimulados a se alegrarem com a repercussões como o caso da favela Naval, por exemplo, e tratam casos como de Josino como “fatalidades” de guerra. Acaso os moradores dos bairros mais pobres estão vivendo em guerra enquanto saem para trabalhar sem ter certeza de que voltarão a suas casas? Negros pobres estão sujeitos ao processo silencioso e mortal dito por Souza (2019).

29 EDUCAFRO é um projeto social mantido pela entidade Francisco de Assis onde foca na inclusão de pessoas negros e de baixa renda em universidades públicas e particulares.

30 A vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes foram assassinados em 14 de março de 2018 após serem fuzilados em um atentado. Informação disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2023

PERIFERIA E OS EVANGÉLICOS

Uma das formas de amenizar o sofrimento e valorar as pessoas negras e pobres é a ação das igrejas evangélicas nas periferias. O pastor Marcos Davi de Oliveira, pesquisador da temática racial, afirma em sua obra **A religião mais negra do Brasil**: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo? que a fé é o fator que dá força e resistência às dores da exclusão social. Para Oliveira (2015) pelo fato do povo brasileiro ser místico por natureza, a fé permite superar as adversidades da segregação social dando às pessoas apoio para se manterem erguidas em todos os aspectos da vida.

Oliveira (2015) atenta para o papel das Igrejas Pentecostais nas periferias como apoio e identidade aos marginalizados e oprimidos. Por causa dos êxodos populacionais que ocorreram na década de 60 e 80 (durante a ditadura militar) muitos negros e pobres saíram das cidades interioranas para as capitais da região sudeste, incluindo também a migração de nordestinos que procuraram novas oportunidades de vidas para fugir da pobreza e miséria. Esse era o perfil destas pessoas que ouviam os programas de rádio evangélicos, o meio de comunicação mais utilizados pelas Igrejas Pentecostais e Neopentecostais na busca de esperança. A migração de pessoas tanto do interior das capitais e do nordeste brasileiro permitiu:

[...] o fenômeno da expansão da pobreza da miséria, o que empurrou parte considerável da população urbana para as favelas, refúgio dos negros desde a saída das senzalas. Vivendo sob as circunstâncias da pobreza, da vida em favela ou nas ruas, os mais pobres sentiram-se atraídos pelo discurso que enfatizava a fé numa vida material melhor, anunciada por meio de uma evangelização persuasiva em praças, trens ou ônibus (OLIVEIRA, 2015, p. 47).

Tanto negros oprimidos quanto brancos pobres na igreja evangélica conseguiram enxergar-se parte de uma família. Com isso a disparidade entre eles diminuiu ao ponto de se sentirem “[...] coparticipantes da obra de Deus na Terra, e não mais aqueles rejeitados que não sabem ler ou escrever” (OLIVEIRA, 2015, p. 27). Todavia, ainda há problemas nas Igrejas Evangélicas que necessitam também de atenção.

Por causa da polarização política as comunidades religiosas se tornaram parte de “uma peça estratégica de xadrez” usada para angariar votos fazendo “sacerdotes” se unirem ao “palácio” fortalecendo seu poder e influência causando estrago na vida dos fiéis.

Durante as eleições presidenciais em 2022, as Igrejas Evangélicas se tornaram o palco dos políticos para promover uma “guerra santa”. Algumas Igrejas Evangélicas Tradicionais e Pentecostais declararam votos aos candidatos Jair Messias Bolsonaro e

Luís Inácio Lula da Silva fazendo campanhas nos púlpitos³¹. Conforme a reportagem de Julia Braun pela BBC News Brasil, muitos pastores ameaçavam fiéis com punições divinas e medidas disciplinares como não participar da eucaristia. O povo negro e pobre das periferias, por causa das diferenças políticas, sofreu represálias afastando-os daquilo que era considerado família espiritual³².

Diante deste cenário, cabem algumas questões: como teologicamente podemos apontar a periferia como uma voz profética a partir das escrituras sagradas? É possível denunciar as desigualdades e injustiças a partir de um som profético ecoado por profetas que procuram o “*Mishpat*”³³?

A fim de repensar o papel do negro por meio de uma teologia que abranja sua luta e seus sofrimentos e olhar para um referencial profético que profetizou contra o Estado; os militares e os sacerdotais e “consumiu” trabalhadores com injustiça social, daremos um próximo passo no sentido de compreender os aspectos da Teologia Negra de James Cone como ponto de partida e observar, por meio dos comentários de Milton Schwantes, as visões proféticas de Amós ao povo do reino de Israel no reinado de Jeroboão II.

TEOLOGIA NEGRA: A VOZ PROFÉTICA DOS NEGROS DA PERIFERIA?

Seria Deus uma pessoa insensível aos problemas dos pretos na periferia? Acaso seria o Senhor displicente com aqueles que são oprimidos em suas comunidades? Pensar de forma afirmativa a estas questões mostra uma visão distorcida de quem é realmente Deus e o seu trabalho na vida daqueles que sofrem com racismo e descaso pela sociedade. Para responder às indagações propostas, precisamos revisitar uma das teologias que procuram demonstrar um Deus ao lado daqueles que sofrem, como o faremos no caso da Teologia Negra.

A Teologia Negra de forma sistematizada surge na década de 60 através das obras do pastor James Hall Cone: pastor da African Methodist Episcopal Church. Cone não conseguia compreender um Deus neutro diante do sofrimento negro. Precisamos salientar que os EUA neste período, vivia as lutas pelos direitos civis na busca de equidade no uso dos serviços e dignidade de vida dos negros norte-americanos. Muitos negros eram linchados em praças públicas com anuência do Estado pelas acusações mais irracionais causando

31 Eleições 2022: pastores fazem pressão por voto ameaçam fiéis com punição divina e medidas disciplinares. Informação disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209750>. Acesso em: 19 ago. 2023.

32 Eleições 2022: Perseguição contra cristãos já começou no Brasil. Só que dentro da igreja. Durante as eleições, a BBC News Brasil apresentou o diálogo de membros de igrejas que se sentiram coagidos. Entre eles estava a Marta de Deolana que frequentou a igreja Assembleia de Deus por mais de 12 anos, mas se sentiu descartada após questionar um presbítero após um discurso inapropriado sobre quem estuda em universidade pública. Informações disponíveis em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63285936>>. Acessado em 19 de ago. 2023.

33 *Mispath* é a transliteração do hebraico para justiça de direito.

estigmas fortes na sociedade. Como não lembrar do Massacre de Tulsa³⁴? Este evento foi um episódio de violência racial que ocasionou a morte de 300 negros entre 31 de maio a 1 de junho de 1921. É neste contexto e tendo como base essa herança de luta que surge a Teologia Negra o qual enxerga Deus como quem se importa com os oprimidos negros.

A Teologia Negra apresenta a partir da experiência negra e da visão hermenêutica dos negros na Escritura Sagrada forças para libertar dos problemas raciais. Para Cone

[...] a missão da Teologia Negra é analisar a natureza do evangelho de Jesus Cristo pelo viés das pessoas negras oprimidas e, dessa forma, entenderão o evangelho como sendo inseparável de sua condição humilhante; além de dar à essas pessoas a força necessária para romper as cadeias da opressão (CONE, 2020a, p. 57).

Olhar o sofrimento de pessoas negras e o seu clamor pedindo para que Deus ouvisse sua voz é o ponto fundamental para que eles possam compreender quem Ele é. Deus age na população da periferia negra do Brasil assim como agiu no Êxodo. Ao ouvir o clamor dos escravos Israelitas no Egito, o Senhor levanta Moisés como seu representante dizendo:

De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, e também tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso desci para livrá-lo das mãos dos egípcios e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel: a terra dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Pois agora o clamor dos israelitas chegou a mim, e tenho visto como os egípcios os oprimem (Êxodo 3:7-9 – BIBLIA SAGRADA).

Para Teologia Negra, Deus assume a característica do seu povo para se tornar um com eles e libertá-los, guiando-os pelo deserto para chegar na Terra Prometida. O mesmo Deus que esteve antes com os israelitas, se faz um com eles, tornando-se um com os oprimidos negros se tornando o Deus Negro não sendo neutro, mas tomando partido daqueles que sofrem. O Deus negro que ouve o clamor das periferias, onde mães que perderam filhos em guerras da milícia ou narcotráfico em combate com a polícia clamam pedindo a libertação, paz e justiça; o clamor do pai de família que sofre abordagens truculentas da polícia, semelhantes a das periferias ao redor do Brasil, sem ter a certeza

34 Um jovem chamado Dick Roland esbarrou na recepcionista Sara Page que gritou e chamou a atenção das pessoas presentes. Dick foi preso e o jornal Tulsa Tribune publicou editoriais falsos sobre o que aconteceu motivando brancos a se apresentarem para linchá-lo. Informações em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/noticia-falsa-sobre-um-engraxate-negro-que-serviu-de-estopim-para-o-massacre-de-tulsa.html>. Acesso em 20 ago. 2023.

que voltará para sua casa; o clamor dos negros das periferias que suplica não só pela libertação das ações coercitivas do aparato estatal, mas pelo fim das promessas não cumpridas dos políticos e das astúcias dos líderes religiosos que se “vestem” de peles de lobos. O Deus Negro ouve o clamor e envia um libertador que está representando-o para libertá-los: o Jesus Negro.

A Teologia Negra procura apresentar o Jesus Negro como a representação de quem Jesus Cristo de Nazaré é para as pessoas negras (CONE, 2020). Cone não procura apresentar a pele de Jesus, mas mostrar como Jesus Cristo pode libertar oprimidos através da sua história e da sua fé nele em uma sociedade que procura destruir a dignidade dos negros da periferia. Em sua existência, o Jesus Negro mostra não só na sua pele, mas em toda a sua história que o seu sofrimento é semelhante ao de muitos negros na periferia que não tem os serviços básicos, mas são oprimidos pelos poderes que deveriam servi-los e ajudarem a sair da condição indigna. A razão da existência de Jesus é “[...]atar as feridas dos aflitos e libertar aqueles que são estão na prisão” (CONE, 2020, p.191).

Mas poderia o Jesus Negro destruir as garras satânicas deste sistema opressor? Sim, através de sua morte e ressurreição. Cone (2020) afirma que ter a ideia de que Jesus tornou as pessoas negras passivas ao sofrimento é errada porque a presença ativa de Deus mostra que negros e negras não foram criados para sofrerem as desigualdades impostas, mas para viverem a liberdade que inicia agora em suas vidas e se estendera na morada celestial. Assim sendo Cone enfaticamente afirma que

[...] na experiência da cruz e da ressurreição, sabemos não apenas que o sofrimento negro é errado, mas que ele foi superado em Jesus Cristo. Esta fé na vitória de Jesus sobre o sofrimento é um evento único de libertação. Não importa o que nos aconteça neste mundo, Deus já nos deu uma perspectiva da humanidade que não pode ser tirada com armas e balas (CONE, 2020a, p. 261)

Consequentemente as garras satânicas deste sistema racista e opressor perde poder no momento que o negro compreende o que Jesus foi, o que Ele é e o que Ele fez por eles (deu consciência, situou-os na historicidade do processo e ensinou a libertar-se em prol de uma vida digna). Portanto, diante deste cenário, “[...] agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte” (Romanos 8:1,2 – BÍBLIA SAGRADA).

O Deus negro chama negros e negras para pregar como voz profética contra este domínio maligno. Ele capacita e direciona pelo seu Espírito Santo para suportar as investidas que o próprio Jesus Negro suportou.

A VOZ PROFÉTICA NEGRA A PARTIR DE AMÓS

Nos tempos veterotestamentários, o profeta era uma das figuras mais polêmicas das Escrituras Sagradas. Seu papel no Antigo Testamento representava a voz de Deus de exortação ao arrependimento. Quando o profeta iniciava seus oráculos, partia deles dizeres como: “*assim diz o Senhor*” que autenticava a manifestação de Deus a partir das suas mensagens e proferia palavras duras de correção para o povo mergulhado no pecado. Dentre estes profetas atentaremos para Amós.

Amós era um pastor de Técuá, cidade ao sul de Jerusalém. Cultivava sicômoros³⁵ e também exercia o trabalho de vaqueiro. Semelhante a muitos na periferia que muitas vezes precisam sustentar suas casas desdobrando suas horas de trabalho para obter o sustento. Ele é chamado por Deus para profetizar o Reino do Norte, Israel, durante o reinado de Jeroboão II que está em crescimento econômico acelerado. O teólogo Milton Schwantes no seu livro “*A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*” afirma que no reinado de Jeroboão II, ele

[...] ampliou as fronteiras de Israel. Impôs o interesse do Estado israelita em Damasco e em Emat, vizinhos ao norte. No sul, alargou as fronteiras até o Mar Morto (cf 2R 14, 24.28). [...] Por sobre defuntos os Estados tratavam de ampliar sua área de influência. Nos dias de Jeroboão, o Estado de Israel levava a melhor na disputa contra seus vizinhos (SCHWANTES, 2004, p. 15).

Israel controlava as rotas comerciais e “[...]detinha o controle da principal via que interligava as terras do Rio Nilo e as do Eufrates e Tigre” (SCHWANTES, 2004, p.16). Qualquer comerciante precisaria passar pela planície de Jezrael. Uma nação forte economicamente, que usufruía e dominava as rotas comerciais e tinha um exército dominante que dava a eles poderio bélico. Esta era a nação que Amós teria que exortar e que viu as populações da periferia e camponeses sofrendo com a opressão que o próprio reino imperava sobre eles. O Estado operava na taxaçoão de tributos que arrecadava para cobrir despesas de sua expansoão territorial e para comercializar nas rotas comerciais da planície de Jezrael e via Transjordania.

A competiçoão dos produtos agrícolas israelitas era desvantajosas porque seus produtos eram exportados no menor valor enquanto o Estado importava com valores altos. Nessas transações o próprio Estado arrecadava para sua auto-manutençoão enquanto o povo passava por uma realidade diferentes da elite samaritana. Schwantes (2004) afirma que para o reinado de Jeroboão II havia padrões novos de consumo que deveriam ser seguidos para dar o requinte de luxo e charme como em Amós 3,12 e 6,4. Para o Estado

35 Uma árvore que se assemelha à figueira e suas folhas assemelham às da amoreira. Esta mesma planta foi a qual Zaquueu subiu para ver Jesus em Lucas 19:4.

[...] o “fornecedor” do luxo eram os camponeses (cf. Am 4,1) e as camponesas (cf. Am 2,7; 8,3). O povo camponês de Israel era pisado (cf. Am 2,7a), estuprado (cf. Am 2,7b), aterrorizado (cf. Am 3,9), esmagado (cf. Am 4,1), destruído (cf. Am 8,4) pela tributação estatal. Através de seus quarenta e um anos de bem-sucedidas conquistas, Jeroboão II transformou as pessoas em não-gente. Amós fala à luz desse reverso da história (SCHWANTES, 2004, p. 24).

Apesar de ser uma história distante do nosso tempo, enxergamos as mesmas condições nas periferias do Brasil. A elite controla e domina como “aves de rapina” influenciando a classe média para evitar a ascensão da classe baixa (SOUZA, 2019). O Estado utiliza as forças policiais para controlar a população negra nas periferias entregando-a ao tráfico de drogas o qual influencia e escravizam jovens e adultos, semelhantes ao que Jeroboão II utilizou em seu exército para controlar as massas camponesas. Enquanto o negro sofre com serviços públicos precários (saúde, educação etc.) a elite suburbana se serve dos privilégios de serviços de boa qualidade que deveriam ser para todos. Quantos Amarildos, Marielles, Josinos e outros que sofreram atrocidades e que hoje não têm uma voz que possa clamar o seu sangue? É necessário que se levantem novos “Amóses”.

“Amóses negros” devem surgir para ter a mesma empatia que o pastor de Técua e olhar para a experiência dos oprimidos. Cone ao definir a Teologia Negra diz: “Nossa teologia deve emergir conscientemente de uma investigação da experiência sociorreligiosa do povo negro, já que essa experiência se reflete em histórias negras do trato de Deus com o povo negro na luta pela liberdade” (CONE, 2020, p. 57).

A experiência do povo negro nas periferias, sua dor e sua angústia devem ser levados em consideração nesta investigação sócioreligiosa para encontrar respostas e lutar pela dignidade que foi subtraída desde a escravidão. Uma voz profética precisa olhar as experiências do povo da periferia e clamar e fazer uma teologia que possa ser utilizada como fonte de partida. O mesmo Deus negro levanta profetas que profetizam contra a corrupção, contra a luxúria e avareza dos templos religiosos e conclame o “Dia do Senhor” para o Estado corrupto que desmoraliza a vida negra nas periferias.

Assim como Amós olhou para corrupção do Reino de Israel de Jeroboão II, profetas negros são estimulados a olhar para situações e orientar os povos que precisam se levantar contra a maldade que os assolam. A visão da população negra que está na periferia sofrendo por causa da corrupção do estado carece do pensamento que os pregadores negros tinham na época da escravidão. Para eles o Deus que libertou e salvou Daniel da cova dos leões e livrou Israel do exército do Faraó, iria libertar os negros do sofrimento e opressão da escravidão. Cone reitera que,

[...] os pregadores negros acreditavam que se Deus libertasse Israel do exército do Faraó e Daniel da cova do leão, então Deus libertaria o povo negro da escravidão e da opressão estadunidense. Assim, o conteúdo de seu pensamento foi a libertação e eles comunicaram essa mensagem através da pregação, canto e oração, contando sua história de como “nós venceremos” (CONE, 2020, p. 107).

A experiência negra pode ser manifestada em canções que contam a realidade negra. Estas canções servem para alertar a população sobre os maus tratos e situações terríveis que ocasionaram a desmoralização humana nos becos escuros de Paraisópolis, Parque Santo Antônio ou no complexo do Alemão. Favelas espalhadas no Brasil onde jovens negros procuram um lugar ao sol, mas que são impedidos por serem vítimas de racismo. Negros e negras que sofreram algo assim manifestam suas dores em canções como verdadeiros profetas negros, assim como Amós, olhando para sua vida e expressando a sua indignidade. Cone afirma que a mesma “[...]ênfase é encontrada em canções de nome *spirituals*, no gospel e em outras expressões melodiosas da luta pela liberdade. A função da canção é cantar a verdade como ela é vivida pelas pessoas” (CONE, 2020, p. 65).

Há profetas que estão se levantando para proclamar contra o mal que assola a nação. Homens negros que reconhecem na sua dor (e a suportaram), uma oportunidade de ajudar a aliviar a dor do seu próximo. Amós profetiza a partir do que vê e da empatia que tem com aqueles que sofrem. Ele era um pastor e vaqueiro e não se trata como profeta. Entretanto, no momento que ele enxerga o sofrimento do povo camponês de Israel, as palavras de Javé (Deus hebreu) fluem no seu coração. Como se algo mostrasse que ele não podia se calar. Ao profetizar contra as elites de Samaria e contra aqueles que dão suporte ao reino (militares e sacerdotes), Amós, a partir da sua experiência em Têcua, se torna a arma de Deus para combater a opressão do Estado. A função do profeta negro é não se calar ao enxergar, nas periferias, as dores que um dia já sentiu. Ao contemplar todo o descaso e corrupção consumindo nas comunidades pobres do Brasil, cabe(m) ao(s) profeta(s) clamar a Deus para proclamar conta os abusos. Isso pode ser feito tanto por meio da palavra falada ou mesmo cantada. Acaso o rap pode ser uma forma de profecia negra periférica?

HIP-HOP COMO EXPRESSÃO AFRODIASPÓRICA

O rap faz parte de uma cultura maior chamada cultura hip-hop, que foi gestada por meio de movimentos da diáspora africana. A raiz é africana, mas a constituição é feita por meio de um amálgama que envolve diversas outras culturas e ressignificações. No caso do hip-hop sua origem mescla além dos elementos da cultura africana e expressões estadunidenses, pois em grande parte essa influência veio dos Estados Unidos.

Sobretudo depois dos anos 1950 em que as interações culturais fizeram-se de forma mais constante e sistemáticas ao redor do mundo as informações, difusão de ritmos e novas modas passaram a circular de forma mais constante em diversas localidades. Nesse sentido, os Estados Unidos por receber grande contingente de pessoas do mundo todo foi palco da criação de diversos ritmos que se espalharam pelo mundo. No caso do hip-hop não foi diferente.

Não se pode deixar de destacar também que o país possui um histórico escravista intenso abrigando em seu seio uma parcela significativa de descendentes de africanos que foram habitar as periferias dos centros urbanos e contavam com pouca assistência do Estado.

Rocha (2022) define da seguinte forma a formação do hip-hop:

[...] hip-hop é uma agência cultural afro-diaspórica que se apropriou e reinterpretou simbolicamente os territórios urbanos e periféricos das cidades. Não só enquanto uma experiência fundamental para a “sobrevivência” de sujeitos marginalizados, o hip-hop também é uma fonte de prazer entre as populações subalternas alocadas em contextos “pós-industriais”. “Arquitetado no coração da decadência urbana como um espaço de diversão” (ROCHA, 2022, p. 94).

É importante também destacar que a maioria dessa cultura e constituição foi feita através de jovens que estavam na periferia das cidades e não tinham muitas opções de lazer e diversão. Essa forma de ressignificar e se apropriar de alguns elementos já constitui uma maneira de crítica ao sistema, sobretudo, capitalista que legou às populações periféricas (no caso dos Estados Unidos, negras e latina – geralmente pobres. E no caso do Brasil às populações periféricas das grandes cidades – grande parte oriunda do nordeste – negras e pobres).

A maioria das letras do hip-hop dedica-se a tratar de temas de contestação diretamente ligados às demandas sociais e econômicas dos grupos dos quais é oriunda. A população desassistida, abandonada, discriminada e alvo dos desmandos do Estado passa a fazer do rap, por exemplo, uma das poucas formas de expressão e reivindicação por meio das letras entremeadas pelos sons (batidas).

A essa expressão dá-se o nome de letramento, que é responsável por pleitear espaços e sinalizar horizontes ainda não alcançados por dessa reivindicação e pontuação. Dessa forma, corroboramos a afirmação de Rocha quando menciona que:

Sobre “letramento”, compreendemos as múltiplas experiências da linguagem nesses espaços, sejam elas escritas ou sonoras, visuais ou corporais, políticas ou religiosas; e sobre o termo “reexistência” entende-se não

apenas o caráter político do sentido “resistir/resistência/sobrevivência”, mas o significado de “vir à existência”, tornar-se presente por meio do existir ou “re-existir”, não deixar de existir ou mesmo, acrescentar mais tempo, insistir na existência e na recusa do fim (ROCHA, 2022, p. 97).

De forma geral podemos entender que o rap reivindica sua existência, dentre outras coisas, por meio da palavra, pois é por essa expressão que busca sinalizar tanto as situações de hostilidade vividas pelos jovens, quando os possíveis lugares desejados e condições almeçadas por meio da transformação das esferas sociais.

O hip-hop, nesse sentido, passa a perfazer uma esfera estética, política, existencial e cultural configurando a seus participantes autonomia e voz para desvelar algumas estruturas políticas e culturais que fazem parte dos dilemas sociais envolvendo jovens de várias partes do mundo.

BREVE PANORAMA DO HIP-HOP NO BRASIL

Do ponto de vista histórico, o hip-hop chegou no Brasil no período em que várias nações ao redor do mundo, principalmente os países da periferia do capitalismo, abriam-se para as conexões com o mercado mundial e importavam diversas culturas. Do mesmo modo que o rock havia influenciado o país aproximadamente uma década antes. Ritmos como o hip-hop, passavam também a aparecer no mercado e cultura brasileiras.

Vieira e Santos fazem o seguinte resumo sobre o surgimento do hip-hop no Brasil.

O hip-hop no país no final dos anos 1970 tendo como porta de entrada os mencionados bailes blacks. O acesso facilitado a alguns produtos importados a partir da década de 1950 ampliou o consumo desses produtos pela população, especialmente os dos Estados Unidos, como álbuns fonográficos. O comércio de bens culturais que acompanhou o movimento possibilitou aos negros de São Paulo mais contato com artistas afro-estadunidenses (VIEIRA; SANTOS, 2023, p. 6).

Data aproximadamente desse período o surgimento do movimento no Brasil que foi se desenvolvendo ao longo dos anos e se profissionalizando, isto é, fazendo com que o mercado fonográfico e o consumo dos produtos por meio desse gênero fossem difundidos de forma ampla para várias partes do Brasil.

Da mesma forma como aconteceu nos Estados Unidos o hip-hop encontrou em jovens negros e de periferia o público para reverberar sua voz e fazer com que essa

população, de alguma maneira, pudesse se utilizar dessa ferramenta para fazer dela sua maneira de protesto.

O grupo Racionais Mc's completou em 2022, 34 anos de carreira e sua trajetória pode ser melhor compreendida por meio do documentário *Racionais: Das ruas de São Paulo Pro Mundo* (2022) disponível na plataforma Netflix. Dentre outras coisas o grupo se notabilizou por suas letras críticas e de estímulo à conscientização dos jovens negros de periferia.

Muitas das suas letras trazem a crítica e refletem sobre uma espiritualidade, pois frequentemente mencionam a figura de Deus ou algo ligado ao sagrado. Nesse sentido, pode-se fazer a interface com outros referenciais que ajudam a refletir sobre o tema de forma e estabelecer com ele uma ligação por meio de uma proposta teológica.

MÁGICO DE OZ: A VOZ PROFÉTICA DE UMA TEOLOGIA NEGRA PERIFÉRICA

Uma das formas de denúncia que pode ser expressa pela alcunha de profecia é o rap. Nesse quesito o grupo Racionais Mc's tem algo importante a acrescentar, pois configuram-se como um dos maiores grupos de rap do Brasil reconhecidamente por suas letras críticas com relação a omissão do Estado, ao racismo e desigualdades sociais.

Embora não tenham relação direta com o tema da teologia e da Teologia Negra, em particular, as letras do grupo Racionais Mc's, cumprem um papel de destaque quando confrontadas como o referencial de James Cone, por exemplo.

Uma das propostas de Cone é entender como a teologia pode e deve se posicionar no tocante ao tema do racismo e a discriminação que os negro sofrem. Seu empenho é pensar por um viés da realidade negra sobre temas caros a essa população.

Em contraposição à neutralidade das teologias europeias e estadunidenses a problematização de Cone e denúncia, em certo sentido, se fazem pelo viés do lugar social em que as falas são geradas. Desse modo indica que há ruptura com pensamentos de opressão como na passagem a seguir: "O Deus bíblico **permanece em oposição** à cultura dos senhores de escravos, que usurpam com idolatria o poder de definir a humanidade supondo a superioridade branca" (CONE, 2020, p.152).

Nesse sentido, há problematização do lugar social e da condição das pessoas negras com relação ao lugar que ocupam no espaço e relevância no sentido teológico. O grito da população excluída e oprimida é uma das formas de manifestar a espiritualidade.

As críticas contidas nas letras de rap, portanto, fazem esse papel de denúncia e expressão de uma espiritualidade que visa desvelar os sistemas de opressão e dominação estruturados a partir da distinção de classes e supremacia de determinados setores com relação a outros.

O álbum **Sobrevivendo no Inferno** do grupo Racionais Mc's foi um sucesso de vendas chegando a atingir a marca de mais de um milhão de cópias. Praticamente todas as letras das músicas são conhecidas e divulgadas tanto entre o público que ouve rap, quando pessoas que passaram a ouvir as canções e serem simpáticas às causas do grupo³⁶.

Doravante analisaremos a letra da música **Mágico de Oz** e sinalizaremos para sua coerência com a questão da profecia.

Aquele moleque, que sobrevive como manda o dia a dia
 Tá na correria, como vive a maioria
 Preto desde nascença, escuro de Sol
 Eu tô pra vê ali igual, no futebol
 Sair um dia das ruas é a meta final
 Viver decente, sem ter na mente o mal
 Tem o instinto que a liberdade deu
 Tem a malícia, que cada esquina deu
 Conhece puta, traficante e ladrão
 Toda raça, uma par de alucinado e nunca embaçou
 Confia neles mais do que na polícia
 Quem confia em polícia? Eu não sou louco (RACIONAIS MC'S, 2018, p.113).

Uma das formas de sinalização para a profecia na letra da música é a denúncia em relação à periferia. A realidade retratada faz menção aos anos 1990 em que o “crack” se popularizou na cidade de São Paulo e por conta de vários fatores, incluindo, o baixo preço de comercialização fez com que o consumo aumentasse atingido, sobretudo, a população mais pobre.

A marginalidade; o vício e a vida do crime despontam às populações periféricas como alternativas à sobrevivência, pois a distância com relação ao centro da cidade; as condições precárias de transporte e trabalho somadas a falta de perspectiva e infraestrutura perfaziam o imaginário popular dos jovens impulsionando-os a uma vida de delinquência.

O fato de os jovens viverem à margem da sociedade e confiarem na rede que se tece em torno desses elementos muito mais do que na polícia são elementos sintomáticos para se entender as perspectivas de parcela dessa população.

36 Em sua tese doutoral D'Andrea (2013) faz uma análise das canções do grupo de forma pormenorizada. Com isso, consegue aferir com precisão a discografia do grupo de forma a evidenciar as críticas contidas nas letras e sua proposta em tratar dessa população em sua abordagem.

Não se pode entender a polícia no contexto da letra apenas como instituição que deve manter a ordem social e guardar a lei. A polícia deve ser vista como a representação do Estado. A pergunta que se deve fazer nesse sentido é: como as populações periféricas entendem o Estado? Ou ainda, como o Estado se apresenta aos jovens negros periféricos? Em muitos casos essa resposta pode ser respondida por números de mortes e homicídios que vitimam negros e pobres numa proporção avassaladora.

Fazendo um paralelo da situação descrita pela letra e o comentário ao livro de Amós por Milton Schwantes observamos a realidade descrita no período do profeta da seguinte forma:

Populações civis indefesas são massacradas: 1,3.6.13;

2,1. Os exércitos andam altivos e aterrorizam (cf. 6,2.13-14). A arrogância militar espraia-se pelas ruas.

Gente livre é feita gente escrava, quer pela guerra (cf. 1,6), quer pela subjugação social (2,6; 8,6). Vende-se e compra-se gente. Escravas são usadas (cf. 2,7; 8,3).

E a corrupção da justiça grita aos seus céus: 2,6.7a; 5,7.10.12.15; 6,12. Processos são cancelados por ordens superiores (cf. 2,7a; 5,7; 6,12). Testemunhas são molestadas (cf. 5,10), juízes têm preço (cf. 2,6; 5,12). (SCWHANTES, 2004, p.86).

A realidade descrita em ambos os casos diz respeito a questões similares: a penalização de parte da sociedade e um Estado ineficiente com relação às questões sociais inerente a esses grupos. Curiosamente em ambos os casos a alternativa que desponta como saída é o apelo ao divino, sagrado como elemento tanto de expressão como de esperança no que diz respeito às demandas sociais.

No caso do texto bíblico fica explícito que os profetas eram mensageiros de Deus que traziam mensagens de juízo, confronto, exortação e esperança tanto aos povos que sofriam, quanto aos governantes que se utilizavam das estruturas de poder em benefício próprio esquecendo da finalidade comum de sua função.

Já na letra de **Mágico de Oz** o refrão menciona o seguinte: “Queria que Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui num Mundo Mágico de Oz” (RACIONAIS MC’S, 2018, p.114). O Mundo Mágico de Oz faz referência à fábula em que a personagem Dorothy percorre uma extensa jornada para encontrar um reino encantado em que um monarca realizaria seus desejos e dos amigos que fez ao longo da jornada. Aparentemente é uma crítica ao consumismo e individualismo por meio do estímulo na busca por uma sociedade melhor.

Na letra **Mágico de Oz** a intenção parece a mesma: criticar a sociedade racista e excludente por meio de uma contraproposta que não penalize e desestime os jovens. Contudo, a alternativa que mais se aproxima da realidade de abandono e descaso do

Estado parece ser mesmo a criminalidade, que não é vista como correta, porém, é a que está mais próxima.

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá, é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo
“Homem na Estrada”, eles gostam
Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganha o dinheiro?
Vendendo pedra e pó
Rolex, ouro no pescoço à custa de alguém
Uma gostosa do lado, pagando pau pra quem?
A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu
Que vida agitada, hein?! Gente pobre tem
Periferia tem...Você conhece alguém?
Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e para em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 114-115).

Um dos entraves para seguir o caminho certo parece ser o abandono e descaso do Estado no que toca a relação com grupos que vivem à margem do processo social. Nesse sentido o rap desponta como crítica para se problematizar as funções sociais que não cumprem com seus princípios e retratar a realidade, de certa forma, sem esperança com relação à população periférica.

Mais uma vez a convergência do rap com o tema da profecia se faz evidenciar, pois no contexto de Amós o descaso social era semelhante, uma vez que, quem estava gerenciando as relações por meio das benesses do Estado vivia em condições agradáveis enquanto a população camponesa e pobre estava na penúria.

Schwantes comentando o contexto do profeta Amós descreve uma realidade similar em que parcela da população vivia de forma tranquila e regalada e os pobres estavam em situação hostil.

A realidade das pessoas era exatamente o inverso do esplendor das elites e dos que usufruíam as benesses dos centros urbanos de então. A gente do campo era convocada a gerar, com seu suor e sua fome, os produtos e as riquezas necessários para o expansionismo comercial e militar. A realidade do povo era, pois, marcada por dura exploração. Atenhamo-nos a alguns pormenores e ao funcionamento dessa espoliação (SCHWANTES, 2004, p. 22).

O paralelo entre a questão do rap e as denúncias proféticas encontra paralelo não somente na letra da música supracitada, mas de maneira mais ampla em todo o álbum **Sobrevivendo no Inferno**. Em outro trabalho já sinalizamos para a convergência das letras do grupo com temas teológico. Na ocasião trabalhamos o rap como uma espécie de êxodo, que conduziria a periferia rumo a emancipação por meio da conscientização. A questão a espiritualidade estaria vinculada aos ideais coletivos, de solidariedade e comprometidos com ideias a respeito da população marginalizada.

No caso do rap dos Racionais Mc's, a salvação é uma proposta que se faz na concretude da própria história semelhante à Moisés e seu povo rumo à terra prometida. Trata-se de uma nova forma de conceber o mundo; o lugar e o papel do sujeito que o compõem e interagem com ele de forma dialética. De forma que a transformação do sujeito em si ocasiona, invariavelmente, a transformação de seu espaço cotidiano (SOUSA, 2021, p. 245).

Se entendemos a espiritualidade por meio da transcendência e da vivência de valores éticos com relação à comunidade que circunda a vida dos indivíduos podemos observar na proposta do grupo uma forma de protesto ou denúncia profética através dos elementos fornecidos pela própria realidade em que as pessoas estão inseridas. Dessa maneira, há coadunação entre os valores denunciados pelo profeta Amós e a crítica com relação às questões sociais e descaso das populações de periferia descritas através da letra.

Ao apelar para a intervenção divina e para a crença de que uma das únicas formas de ser ouvido é clamando a Deus, a letra converge com a crítica profética explicada por Schwantes (2004), quando coloca que um dos motivos para a opressão dos povos pobres era a corrupção estatal de Israel, que fazia perpetuar a pobreza e o descaso com as classes subalternas. O rap faz a mesma coisa, pois delineia o mesmo sentido em suas críticas, mas não o faz no interior de uma religião, como faziam os profetas de Israel. Embora essa seja

uma verdade observa-se, contudo, a utilização e elementos religiosos como a figura de Deus como elemento receptor da crítica.

O mundo de Oz seria semelhante ao Reino de Deus? No sentido teológico da questão é necessário se perguntar quais semelhanças há entre a proposta do Reino de Deus e Mundo de Oz. Por Reino de Deus deve-se entender o exercício pleno de paz, justiça, solidariedade e amor entre as pessoas. Isso é feito em contraposição aos valores individualistas, excludentes e discriminatórios das sociedades. Já o Mundo de Oz, na visão dos *rappers*, seria um mundo sem malícias e disfunções do sistema, uma vez que, na letra as mazelas são tidas como coisas ruins, mas que (por motivos diversos) fazem parte do dia-a-dia da periferia e por veiculadas de forma maciça são difíceis de serem superadas.

Quando o Estado se apresenta de forma corrompida; a exclusão é normatizada; as classes subalternas quase não tem oportunidades de mobilidade e as poucas alternativas lícitas não rompem com os ciclos sociais de uma sub-cidadania, ou seja, uma cidadania que não é exercida de forma plena contemplando direitos e garantindo acessibilidade aos direitos básicos. Uma das poucas formas que se tem de reivindicar é por meio da poesia (música), retratando os fatos triviais da vida.

Ei mano, será que ele terá uma chance?

Quem vive nessa porra, merece uma revanche

É um dom que você tem de viver

É um dom que você recebe pra sobreviver

História chata, mas cê tá ligado

Que é bom lembrar: Quem entra, é um em cem pra voltar. (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 115)

Cone vai dizer: “O Deus bíblico **permanece em oposição** à cultura dos senhores de escravos [...]” (CONE, 2020, p.152). Parafraseando o autor pode-se afirmar que a revanche não se faz na vingança contra pessoas; por meio da violência ou ruptura abrupta da ordem. A vingança parece despontar como a oportunidade de não reproduzir o sistema da marginalidade.

Nesse sentido a questão do Jesus Negro descrito por Cone também se faz pertinente, pois qual seria a posição do Jesus negro numa realidade hostil de exploração e descaso? Ele se acomodaria ou utilizaria dos recursos disponíveis para protestar? E quando uma das últimas alternativas de resistência e de súplica é cantar? Não faziam o mesmo os *spirituals*?

Um negro periférico se vinga do sistema por meio de sua ascensão profissional; por meio de uma carreira bem sucedida; por meio da conquista de espaços dignos para

a periferia (cultura, lazer, transporte, saúde). A vingança se faz como sugere a canção por meio da transformação da realidade hostil no Mundo de Oz que, para além de uma realidade distópica, trata de elementos comuns à vida das pessoas de periferia, que são plenamente exequíveis quando se observam os valores de solidariedade, equidade e justiça.

Equacionar a realidade das populações negras periféricas é simples! Basta um Estado mais eficaz, sem corrupção e que não legitime as desigualdades. Realidade semelhante é denunciada pelo profeta Amós e comentada por Schwantes (2004). A corrupção do Estado penaliza a população pobre. No caso bíblico: os camponeses. No caso brasileiro: os pobres e negros periféricos. Em ambos os casos há denúncias contundentes. Uma por meio da religião. Outra por meio do rap. Em ambos os casos Deus é tido como um elemento pelo qual a crítica é legitimada, pois um de seus atributos teológicos (justiça) é evocado.

O rap se torna profecia quando parte de denúncia sobre as condições hostis que pobres e negros de periferia vivenciam em seu dia-a-dia. Outrossim, a letra **Mágico de Oz** indica que a contraposição a tal realidade se faz pelo seu reverso, ou seja, na vivência plena da vida e dos direitos que a população negra e pobre foi tolhida ao longo do processo histórico brasileiro.

A Teologia Negra e profética se faz presente na canção dos Racionais Mc's quando problematiza o papel do negro periférico e sua luta pela sobrevivência em relação ao sistema "que não pode ser tirada com armas e balas" (CONE, 2019). Sua denúncia é um grito: será que Deus vai nos ouvir? Esse grito ao mesmo tempo que é um canto de lamento, sinaliza para uma resistência. Resistência esta que se faz por meio de uma vida coerente e ética calcada em valores de solidariedade.

Tudo o que foi legado à periferia como substrato do sistema é responsabilidade de estruturas injustas e corruptas que negam chances a determinados setores sociais. Isso é denunciado como descaso por meio de letras musicais e pelo próprio *ethos* da negritude periférica. Essa sinalização pode ser observada na convergência dos autores Cone (2019) e Schwantes (2004), que por meio de alternativas proféticas e de espiritualidade demonstram que a teologia pode ser feita, inclusive, por meio de canções populares que, aparentemente, não são religiosas/teológicas, mas que trazem consigo ensinamentos tão profundos e densos como contidos em qualquer material produzido de forma teológica.

Um grupo de rap não religioso produz teologia? Se a premissa de que a teologia é uma tentativa da interpretação da vontade de Deus no mundo, assente-se positivamente, mas se teologia for apenas pensada no sentido estrito e concebida somente por catedráticos, talvez a resposta seja negativa.

Mas não se pode negar que a provocação contida tanto nas letras quanto nos referenciais apresentados sinaliza para a possibilidade de um fazer teológico consciente e que reivindica espaços para, por meio de seu grito, indignar-se diante as realidades hostis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das formas das populações periféricas se expressarem é através das canções, músicas e as mais diversas manifestações de sua cultura popular. Mas isso pode ser considerado profético? Essa é a questão que se buscou responder.

Depois de analisados os temas e as questões envolvendo a temática chegou-se à conclusão que há muitas coisas em comum envolvendo os dilemas da população negra periférica e os povos descritos na Bíblia. Uma delas diz respeito, justamente, à reivindicação pela intervenção divina em realidades em que o Estado é omissivo ou ineficaz. Os dilemas de opressão de povos são históricos e, em determinadas realidades, ganham novo acento quando compostos por elementos étnicos, como é o caso da população negra.

Embora o grupo Racionais Mc's não se posicione como porta-voz de religiões ou mesmo tenha apelo religioso utiliza-se de categorias teológicas em suas letras. No caso em questão faz menção de Deus como uma das poucas alternativas para se mudar a realidade hostil.

A tarefa da teologia contextual, nesse sentido, é adentrar esses espaços, vislumbrar novas possibilidades e entender como se dão as relações em torno das temáticas que envolvem categorias teológicas e expressões comuns aos diversos campos de estudo. Não somente o lamento a Deus, expresso na letra **Mágico de Oz** é alvo de análise, mas também a reivindicação profética e a condenação do Estado são elementos presentes de forma substancial, por exemplo, na teologia profética de Amós.

Dessa maneira, nossa incursão levantou alguns subsídios que visaram tratar dessa relação apontando para a Teologia Negra como teologia profética em articulação como o rap para expressar os dilemas das populações negras periféricas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 8. ed. São Paulo, SP: Jandaíra, 2021.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- CONE, James Hal. **Teologia negra**. São Paulo, SP: Recriar, 2020a.
- CONE, James Hal. **Deus dos oprimidos**. São Paulo, SP: Recriar, 2020.
- D'Andrea, Tiaraju. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese (doutorado em sociologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?** Viçosa: Ultimado, 2015.
- RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROCHA, Bruno de Carvalho. **Rap e religião: análise do imaginário dos Racionais Mc's**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.
- SCHWANTES, Milton. **A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós**. São Paulo, SP: Paulinas, 2020.
- SOUSA, Luis Fernando de Carvalho. **O êxodo profético do rap: Mano Brown e os Racionais Mc's sob um olhar teológico pluralista**. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Princípio pluralista em debate*. São Paulo: Recriar, 2021.
- SOUZA, Jessé José Freire de. **A Elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro, RJ: Estação Brasil, 2019.
- VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima. **Racionais Mc's: entre o gatilho e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023.